

AVALIAÇÃO DE USUÁRIAS DE MÉTODOS ANTICONCEPTIVOS HORMONAIS NO MUNICÍPIO DE REDENÇÃO – CE: UMA BUSCA PELA IDENTIFICAÇÃO DE FATORES DE RISCO E INTERAÇÕES MEDICAMENTOSAS

Lígia Laura de Sousa Castro¹, Isabelly Gomes de Oliveira², Gabriela Silva Esteves de Holanda³, Vanessa Kelly da Silva Lima⁴, Lydia Vieira Freitas Dos Santos⁵

Resumo: O presente estudo objetivou identificar as características sociodemográficas, ginecológicas, doenças pré-existentes que acarretem na contra indicação, tratamentos, efeitos colaterais e fatores de risco nas usuárias de anticoncepcionais hormonais orais. Trata-se de um estudo com abordagem quantitativa, realizado nas UBS de Redenção-CE. A coleta de dados foi realizada de janeiro a abril de 2016, quando participaram da pesquisa 77 mulheres que utilizavam anticoncepcional oral. O estudo foi realizado de forma a cumprir a Resolução 466/12, do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012a). Observou-se que a maioria das entrevistadas utilizam método hormonal oral combinado de baixa dose, realizaram a consulta de planejamento familiar nos últimos anos, sendo o método prescrito por um profissional. Nota-se que apenas uma pequena parte das usuárias realizaram exame clínico e receberam algum tipo de informação sobre o método. Foi observado um pequeno índice quanto ao histórico de patologias das usuárias, embora o mesmo se eleve quando questionado o histórico familiar e a utilização de medicações específicas. Com isso conclui-se que a maioria das entrevistadas tem conhecimento deficiente sobre o método, apresentam histórico familiar que requerem uma avaliação médica para escolha adequada do método de anticoncepção.

Palavras-chave: Anticoncepção hormonal oral. Fatores de risco. Avaliação.

¹ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Acadêmica de Enfermagem, Instituto de Ciências da Saúde, Bolsista FUNCAP, E-mail: ligialaura@live.com

² Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Acadêmica de Enfermagem, Instituto de Ciências da Saúde, Bolsista FUNCAP, E-mail: isa_belly_oliveira@hotmail.com

³ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Acadêmica de Enfermagem, Instituto de Ciências da Saúde, Bolsista FUNCAP, E-mail: gabyhollanda@hotmail.com

⁴ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Acadêmica de Enfermagem, Instituto de Ciências da Saúde, Bolsista FUNCAP, E-mail: vanessa.kelly902@gmail.com

⁵ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Enfermeira, Doutora em Enfermagem, Docente do Instituto de Ciências da Saúde, Orientadora da pesquisa, Bolsista BPI-FUNCAP, E-mail: lydia@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

A atenção no atendimento ao planejamento reprodutivo é uma estratégia ofertada nas Unidades Básicas de Saúde. A mesma acarreta uma série de métodos com a finalidade de acompanhar e orientar quanto a concepção/contracepção e educação sexual, realizadas por meio da avaliação individual dos pacientes, visando o acompanhamento e representando uma forma eficaz de assegurar a saúde sexual e reprodutiva de seus usuários (MS, 2010).

Atualmente no cenário brasileiro os contraceptivos hormonais são os mais utilizados com cerca de 30%. No que se refere aos métodos contraceptivos hormonais orais, o Ministério da Saúde (MS) oferta gratuitamente, alguns métodos, que necessitam de uma avaliação clínica e oferta de orientação dos pacientes para uma indicação e uso adequado. Os contraceptivos hormonais orais, como qualquer fármaco possui um risco para o surgimento de algum tipo de reação adversa. A partir disso denota-se a importância das usuárias sempre serem informadas, pelos profissionais de saúde, sobre os riscos associados ao uso de contraceptivos orais (ANVISA, 2014).

O presente estudo objetivou identificar as características sociodemográficas, ginecológicas, doenças pré-existentes que acarretem na contra indicação, tratamentos, efeitos colaterais e fatores de risco nas usuárias de anticoncepcionais hormonais orais.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa exploratória com abordagem quantitativa, realizada nas unidades básicas de saúde - UBS do município de Redenção-CE. A amostra foi constituída por 77 mulheres que utilizavam contraceptivos hormonais orais e estavam em atendimento nas UBS no período do estudo.

A coleta de dados foi realizada de janeiro a abril de 2016, utilizando um instrumento estruturado, por meio de entrevista, de modo que as usuárias do serviço de saúde que compareceram as UBS foram convidadas a participar do estudo respondendo ao instrumento proposto.

Os dados coletados foram inseridos em uma planilha, analisados seguindo a estatística descritiva e depois foram separados por variáveis e inseridos em uma tabela. O estudo foi realizado de forma a cumprir a Resolução 466/12, do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012a).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observou-se que a maioria das entrevistadas possuíam de 20 a 35 anos de idade, apresentaram de 11 a 15 anos de estudo, eram casadas/unidas consensualmente. Em relação à atenção em anticoncepção, esta pressupõe a oferta de informações, de aconselhamento, de acompanhamento clínico e de um leque de métodos e técnicas anticoncepcionais, cientificamente aceitos, que não coloquem em risco a vida e a saúde das pessoas, num contexto de escolha livre e informada (BRASIL, 2012). Os dados obtidos em relação a essas variáveis, mostram que 39% não realizaram exame físico antes de iniciar o uso da contracepção hormonal oral, e que nas orientações recebidas houve uma diferença nos índices, onde as do uso correto do método foi ofertada para mais da metade das usuárias e orientações sobre fatores de risco, efeitos colaterais obtiveram índice menor que 30%.

O efeito dos MAC hormonais orais, não depende apenas de sua composição, dose e via de administração. O consumo constante e regular de álcool causa aumento dos níveis de estradiol, podendo potencializar os efeitos colaterais do anticoncepcional. Das 73 entrevistadas, 23 são usuárias de bebidas alcoólicas. Em um estudo realizado com universitárias na cidade de São Paulo, mostrou que dentre as estudantes universitárias entrevistadas que utilizam contraceptivos cerca de 70% consomem bebidas alcoólicas, onde 53% afirmaram que conheciam esse tipo de interação entre álcool e anticoncepção (OLIVEIRA; SOARES; BENASSI JUNIOR, 2009).

Observa-se que 7,8% das entrevistadas possuem hipertensão arterial e 1,3% possuem doença cardiovascular e fazem uso de MAC hormonal oral. O risco de doenças cardiovasculares aumenta com a idade e pode também aumentar com o uso da pílula combinada. Os efeitos dos hormônios sexuais femininos sobre o sistema cardiovascular têm sido tema de interesse científico, porque os vasos sanguíneos são alvo dos efeitos desses hormônios, uma vez que existem receptores de estrogênio e progesterona em todas as camadas constituintes dos vasos sanguíneos (BRITO, 2010).

Em relação ao histórico das usuárias de MAC hormonal oral nenhuma das entrevistadas relatam ter histórico de câncer de ovário e de mama. O uso de anticoncepcionais orais ajuda a proteger as usuárias de dois tipos de câncer: ovários e endométrio. De acordo com o MS, a pílula não aumenta o risco para câncer de mama, porém é necessário que novos estudos sejam realizados para se obter conclusões mais precisas. Além disso, existem ainda dúvidas sobre a possível aceleração da evolução de cânceres preexistentes com o uso da pílula (BRASIL, 2010).

Observou-se que 1,3% das entrevistadas possui Diabetes Mellitus. Nota-se a importância da avaliação e oferta de informações para a usuária exercer o autocuidado no período pré-concepcional, quanto ao método escolhido. Evangelista *et al*, (2014) mostra em seu estudo com portadoras de diabetes que das 106 das mulheres entrevistadas, 75 foram classificadas como nenhum conhecimento sobre o uso de MAC na condição de portadoras de DM, 28 (26,4%) apresentavam conhecimento limitado e 3 (2,8%) conhecimento moderado.

Quanto ao histórico de acidente vascular cerebral, 2 das 77 entrevistadas relataram ter sofrido um. O AVC é na maioria dos casos secundário à presença de fatores cardiovasculares preveníveis. Existem diversos fatores cardiovasculares que aumentam o risco de desenvolver o AVC. Tais fatores de risco podem ser divididos em imutáveis são aqueles que não podem ser mudados e os mutáveis são os fatores sobre os quais pode-se intervir, como a hipertensão arterial sistêmica, diabetes mellitus, tabagismo, alcoolismo e o uso de contraceptivos hormonais (GUS et al, 2013).

A enxaqueca é uma condição que pode ser desencadeada por diversos fatores, sejam eles extrínsecos e intrínsecos, sendo muitas vezes associadas a um dos principais efeitos adversos do uso de MAC hormonal oral. Observa-se que 55,8% das entrevistadas apresentam quadro de enxaqueca constante. Pahim et al, (2006), evidencia em seu estudo em Pelotas com 2715 pessoas entrevistadas quanto a enxaqueca e seus fatores associados que das 889 mulheres que menstruavam regularmente, 494 utilizavam anticoncepcional hormonal, onde 51% apresentavam enxaqueca e 32,5% acusaram aumento da dor com o uso do método.

Um dos fatores que também tem influência na ação dos anticoncepcionais orais, são as interações medicamentosas, que de preferência devem ser nulas ou mínimas. Essas interações podem ocorrer tanto no sentido de potencialização quanto de inibição da ação de um medicamento. Quanto a utilização de fármacos 23,4% utilizam antibióticos, 40,3% analgésicos, 2,6% antifúngico, 1,3% anticonvulsivantes e 6,5% diuréticos juntamente com o anticoncepcional oral. O MS mostra que esses grupos sofrem interações, onde se ingeridos junto com o anticoncepcional ocorre a diminuição do efeito hormonal. Já os hipoglicemiantes e anti-hipertensivos tendem a perder a sua eficácia e potencializam os efeitos hormonais (BRASIL, 2010).

CONCLUSÕES

A partir dos dados obtidos pode-se concluir que a maioria das entrevistadas tem conhecimento deficiente sobre o método, apresentam histórico familiar que requerem uma

avaliação médica para escolha adequada do método, necessitando de uma maior busca dessas usuárias por profissionais de saúde e uma maior cobrança da gestão quanto a esse atendimento.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq e a universidade por estimular a iniciação científica e por fornecer subsídios para a realização da mesma.

REFERÊNCIAS

- Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Atualização das informações sobre efeitos adversos graves associados ao uso de contraceptivos orais**. Brasília, DF: ANVISA, 2014.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Cadernos de Atenção Básica – Saúde sexual e reprodutiva**. Brasília, 2010.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Cadernos de Atenção Básica – Saúde sexual e reprodutiva**. Brasília, 2010. BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto nacional de Câncer. Programa Nacional de Controle do Câncer de Mama, Rio de Janeiro: Inca, 2012. 15 p.
- EVANGELISTA, Danielle Rosa et al. Conhecimento e prática anticoncepcional de mulheres portadoras de Diabetes Mellitus. *Anna Nery Revista de Enfermagem*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p.441-447, abr. 2014.
- GOMES, Patrícia Delage et al. Contracepção hormonal: uma comparação entre pacientes das redes pública e privada de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 5, p.2453-2460, set. 2011.
- Gus I, Fuschaman A, Medina C. Prevalência dos Fatores de Risco da Doença Arterial Coronariana no Estado do Rio Grande do Sul. *Arq Bras Cardiol* [Internet]. 2002 Jul [cited 2013 Feb 19]; 78(5): 478-83. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/abc/v78n5/9377.pdf>
- Oliveira DAG, Soares VCG, Benassi Jr M. O consumo de bebidas alcólicas entre estudantes universitárias e o conhecimento dos riscos entre seu uso combinado com contraceptivos orais. *Rev Inst Ciênc Saúde*. 2009;27(4):366-73.
- PAHIM, Luciane Scherer; MENEZES, Ana M B; LIMA, Rosângela. Prevalência e fatores associados à enxaqueca na população adulta de Pelotas, RS. *Rev Saúde Pública* 2, São Paulo, v. 40, n. 4, p.692-698, 2006.